O cosmos bíblico e sua representação no esquema do tabernáculo

The biblical cosmos and its representation in the layout of the tabernacle

El cosmos bíblico y su representación en el esquema del tabernáculo

Ulisses Quintão de Carvalho*

Valeriano dos Santos Costa**

RESUMO

A grande aventura intelectual do homem, iniciada há milênios, moveu seu olhar para além dos limites do horizonte observável, lançando-o numa incansável busca pelo conhecimento do mundo físico, bem como dos limites nos quais estivesse circunscrita a realidade do universo criado. Não se pode negar que também nas Sagradas Escrituras uma parcela significativa do esforço da humanidade em dilatar a compreensão do mundo tenha sido consignada, de tal modo a ser possível encontrar vestígios de um modelo cosmológico no esquema do santuário portátil onde os hebreus depositavam a arca da Aliança e demais objetos sagrados do culto ao seu Deus Único; uma representação do cosmos em miniatura.

Palavras-chave: Cosmos; universo; modelo cosmológico; santuário; tabernáculo.

ABSTRACT

The great intellectual adventure of man, initiated thousands of years ago, moved his gaze beyond the limits of the observable horizon, launching him on an untiring search for knowledge of the physical world, as well as the limits in which the reality of the created universe is circumscribed. It cannot be denied that a significant portion of the effort of mankind into dilating the understanding of the world is contained in the text of Sacred Scripture, so that it is possible to find traces of a cosmological model in the layout of the portable sanctuary where the Hebrews deposited the ark of the Covenant and other sacred apparatuses of the worship of their One God: a miniature representation of the cosmos.

Keywords: Cosmos; Universe; cosmological model; sanctuary; tabernacle.

RESUMEN

La gran aventura intelectual del hombre, iniciada hace milenios, movió su mirada hacia allá de los límites del horizonte observable, lanzándolo en una incansable búsqueda por el conocimiento del mundo físico, así como los límites dentro de los cuales estuviera circunscrita la realidad del universo creado. No se puede negar que también en la Sagrada Escritura una parcela del significativo esfuerzo de la humanidad para extender

* Mestrando em Teologia bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), membro do Grupo de Pesquisa Tradução e Interpretação do Antigo Testamento (TIAT), professor de latim do Curso Livre de Línguas Clássicas da PUC-SP (Campus Perdizes) e do Instituto Superior de Filosofia e Ciências Religiosas São Boaventura, Diocese de Santo Amaro.

** Professor titular e Diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

la comprensión del mundo ha sido consignada, de tal manera que sea posible encontrar rastros de un modelo cosmológico en el esquema del santuario portátil donde los hebreos depositaron el arca de la Alianza y otros utensilios sagrados destinados al culto de su Dios único; una representación del cosmos en miniatura.

Palabras clave: Cosmos; universo; modelo cosmológico; santuário; tabernáculo.

Introdução

O prestígio do qual gozavam os sacerdotes na sociedade antiga sem dúvida advinha do papel imprescindível que desempenhavam no seio desta: eram especialmente responsáveis por servir aos deuses diariamente e prestar-lhes o culto devido. Suas funções eram as mais diversas: “lavagem das estátuas, oferenda ritual de alimentos e bebidas, instalação da presença divina nas estátuas, transporte destas em procissões oraculares etc.” (MIRCEA, 1990, p.143). O não cumprimento das atribuições sagradas resultaria no retorno ao caos primordial. Em suma, deles dependia a boa ordem da criação. Era do interior dos templos que os sacerdotes se dedicavam à manutenção do cosmos, garantindo sua misteriosa permanência.

O templo, por conseguinte, está intimamente ligado à vida cotidiana. Não só o templo em si, mas sua própria edificação era considerada um ato sagrado. Toda a vida da cidade se desenrolava em torno do templo. O mesmo se vê em se tratando da tenda santa que acompanhava os hebreus em sua peregrinação pelo deserto: chegado o momento de montar acampamento, os hebreus instalavam-se ao redor desta; de fato, o tabernáculo era o ponto de referência e o centro de todas as atividades realizadas pela comunidade. A presença do tabernáculo em meio ao povo durante o período de transumância, quando este se via obrigado a buscar melhores condições de vida, traduzia a confiança que tinham os antigos hebreus em que o SENHOR Deus dos seus antepassados os protegia e verdadeiramente vivia em meio a eles.

Com efeito, é unânime entre os povos do passado que o templo, “construído pela cidade, [deve ser] consagrado ao deus para ser sua residência” (VERNANT, 2002, p. 303), e como tal, representa o universo trazido à existência pela vontade dos deuses e à mercê dos seus desígnios. O inteiro edifício sagrado está revestido de um profundo simbolismo cósmico: “o telhado do templo representa o céu; as paredes, os quatro pontos cardeais; o poço ou o elemento aquático, quando existe, é uma representação das águas infracósmicas” (FRADE, 2007, p. 19); uma verdadeira *imago mundi*.

Outrossim, a arquitetura sagrada do tabernáculo bíblico não se afasta de tal conceito, que é mesmo corroborado ao longo dos séculos por um

sem-número de comentadores e intérpretes judeus e cristãos. É preciso assinalar, enfim, que a sobriedade relativa das primeiras igrejas cristãs reflete a influência do plano do tabernáculo.

A cosmologia antiga e a Bíblia

A preocupação com o surgimento do *cosmos* (palavra que, em grego, significa “ordem”, “beleza”), “perpetuidade misteriosa do espaço e do tempo” (CHOURAQUI, 1978, p. 207) é muito antiga. Muitos povos desenvolveram diferentes ideias acerca da origem do mundo, e que depois passaram a formar a base de numerosos sistemas de crenças religiosas. Por conseguinte, vasta é a literatura do mundo antigo, cujos textos tratam da cosmologia. Esses textos permitem ao homem hodierno acesso às perspectivas cosmológicas de antanho; dentre os quais, “linhas em hinos, mitos, literatura sapiencial, encantamentos, textos de adivinhação e relatos de construção de templo” (COPAN, 2017, p. 114). O poeta e historiador grego Íon (c. 483-422 a. C.) escreve a respeito da disposição e da boa ordem do mundo em sua obra intitulada *Da filosofia física*. Hesíodo, que viveu por volta do final do século VIII e princípios do século VII a. C., relata em sua *Teogonia* as origens do mundo (e dos deuses).

“Em várias mitologias, a Terra ganha formas poéticas, não raro antropomórficas” (ECO, 2013, p. 11). De acordo com a mitologia nórdica, a Terra foi formada a partir dos restos do cadáver do gigante Ymir, derrotado por Odin, o maior de todos os deuses: de sua carne, foi feita a terra; de seus ossos e dentes, as pedras e as montanhas; de seu sangue, o grande oceano que cerca Midgard, ou o reino onde habitam os filhos dos homens (LINDOW, 2002, p. 228). Entre os inúmeros relatos recolhidos pelas mais diversas tradições, encontra-se o de uma lenda oriental, segundo a qual “a Terra se equilibrava no dorso de uma baleia, sustentada, por sua vez, por um touro com as patas apoiadas numa rocha, [...] sob a qual ninguém sabia o que havia, senão o mar do infinito” (ECO, 2013, p. 11).

De qualquer modo, independentemente de como se pensasse o surgimento do universo, a questão girava mais em torno do estudo dos relatos mitológicos e teológicos da criação do universo, do que propriamente da sua estrutura e evolução. Surpreende notar que apesar do considerável conhecimento astronômico que permitia aos babilônios computar eventos planetários e lunares com extrema precisão, estes tenham atribuído à sua ciência (de dois ou três mil anos antes de Cristo) apenas um papel de menor relevância para a formulação do seu modelo cosmológico, para os

quais a Terra era um disco fixo, e o céu, uma esfera que circulava em torno dela uma vez por dia; razão porque as estrelas permaneciam no mesmo lugar noite após noite (KANSAS, 2014, p. 51). Tal era a terra dos tempos homéricos (séculos XII a VIII a. C.): um disco orbicular espalmado envolto pelo vasto mar oceano [*᾽Ωκεανός*], cuja descrição aparece pela primeira vez no hino órfico¹ X, dedicado ao deus bucólico Pã: “[...] Por meio de ti jaz firme a planície da Terra, donde as águas que fluem das profundezas correm para o antigo oceano que circunda a terra sólida [...]”²

Só mais tarde, no século VI a. C., Pitágoras irá propor que a Terra é esférica, e Eudoxo, no século IV a. C., desenvolverá o modelo geocêntrico, também conhecido como “modelo das esferas homocêntricas” (DREYER, 1906, p. 90-107). Nele, os sete orbes (Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno), encontram-se como que embutidos, engastados na própria esfera. “Ao todo existem 55 esferas, para que as intermediárias possam fornecer ligações mecânicas necessárias para a reprodução do movimento” (ARANHA, 1993, p. 139). Será o matemático e geógrafo grego Eratóstenes, no Egito, a medir pela primeira vez a circunferência da Terra, por volta de 235 a.C., para a qual obteve o resultado de 246.000 estádios;³ isto é, 38.868 km. Eratóstenes, servindo-se apenas de uma estaca, foi quase preciso em seus cálculos, uma vez que hoje se sabe que a circunferência da Terra no equador mede 40.070 km. Enfim, à exceção dos demais modelos propostos pelos gregos, todos geocêntricos, apenas o de Aristarco de Samos (310-230 a.C.), heliocêntrico, mostra-se revolucionário, porém jamais aceito até ser considerado por Nicolau Copérnico, Johannes Kepler e Galileu Galilei.

O mesmo conceito de um cosmos compreendido em três partes aparece nas páginas sagradas já por ocasião da entrega do Decálogo aos hebreus por mãos de Moisés (Ex 20,2-17; Dt 5,5-21): “Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, *nos céus*, ou embaixo *na terra*, ou nas águas que estão *debaixo da terra*” (Ex 20,4).⁴

¹ Órfico: relativo a Orfeu, figura mitológica grega que desceu aos Infernos para resgatar sua amada Eurídice de Hades, deus do Mundo Subterrâneo, e de quem uma “religião de mistérios”, o orfismo, associada ao culto a Dionísio ou Baco, deriva o nome.

² “[...] ἀπειρέσιον γαίης πέδον ἐστήρικται, εἴκει δ’ ἀκαμάτου πόντου τὸ βαθύρροον ὕδωρ ᾽Ωκεανός τε περίξ ἐν ὕδασι γαῖαν ἐλίσσων, [...]”

³ O estádio era uma medida de distância usada na Grécia antiga. Infelizmente, não é possível saber com certeza o valor do estádio usado por Eratóstenes, uma vez que havia diferentes medidas vigentes. Caso tenha usado um estádio equivalente a 158 m, a diferença entre o resultado a que chegou e o que se conhece hoje é de 3%.

⁴ Todas as citações bíblicas são da *Bíblia de Jerusalém*.

Elevando-se das profundezas das águas que estão “debaixo da terra”, encontram-se os pilares sobre os quais esta se mantém firmemente estabelecida em seu lugar, *os fundamentos do mundo* (1Sm 2,8; Jó 38,4-6; Sl 104,5). “A terra é concebida como uma imensa extensão plana ornada de vales, rios e montanhas que se perdem em seus confins num círculo misterioso” (CHOURAQUI, 1978, p. 207).

Abaixo da terra está o mundo subterrâneo dos mortos, indicado pela palavra hebraica *Xeol*, e do qual estes não podem sair (Sl 139,8; Is 7,11; Am 9,2). O submundo possui suas portas (Jó 38,17; Sl 9,14; 107,18). Esse “reino” se identifica com o abismo cósmico sobre o qual repousa a terra e sob o qual nada mais existe (Jó 26,6-7; Ez 26,19).

Segundo o modelo cosmológico dos antigos hebreus, o céu é como que “uma placa de metal fundido” que se estende por toda a terra (Jó 37,18). De fato, para eles o empíreo, a morada de Deus e de sua corte celeste, o “céu dos céus” (Dt 10,14; 1Rs 8,27; Ne 9,6), estende-se acima de uma inconcussa calota, o firmamento, que cobre a terra e dela os separa. Imagina-se mesmo que Deus passeie pela “abóbada do céu” (Jó 22,14). Além de estabelecer o limite entre o mundo terrenal e os domínios espirituais, o firmamento cumpre mais uma importante função: a de separar “as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento” (Gn 1,6-8). Suas extremidades encontram o horizonte, e apoiam-se sobre o cimo das montanhas, à maneira de colunas, “os fundamentos do céu”, os quais parecem tocá-lo (2Sm 22,8). O domo do céu possui aberturas semelhantes a janelas ou comportas pelas quais o SENHOR faz cair a chuva sobre a terra. Esta ideia é evidente no relato do dilúvio (Gn 7,11). Todos estes detalhes em conjunto acabam por conferir ao mundo sua constituição arquitetônica.

No que toca ao movimento dos astros, o emblemático relato do êxito da campanha militar de Josué contra os amorreus (Js 10,7-14) oferece um excelente testemunho da imagem que os hebreus tinham do céu. Se os astros estão fixos no firmamento, isto quer dizer que o que causa seu movimento é o perene girar da abóbada celeste. Detendo-se na porção do céu pelo espaço de um dia inteiro *ubi sol meridie videtur*, a noite não pôde, nessa ocasião, suceder ao dia, pois igualmente a Lua ficou imóvel, já que o Sol e a Lua nesse sistema estão diametralmente opostos. Assim sendo, não só o dia, mas também a noite se estendeu pelo dobro do tempo.

O tabernáculo como modelo do cosmos

Embora haja estudiosos que sustentem ser o tabernáculo uma retroprojeção do templo salomônico: uma imagem literária construída por escribas

ligados ao sacerdócio que retornaram com Esdras do exílio babilônico com o intuito de reintroduzir os rituais do Templo ou para glorificar as origens e o passado do povo hebreu, e que, portanto, jamais tenha existido enquanto tal – discussão da qual o presente artigo decididamente se distancia –, é na tenda ambulante que o SENHOR Deus de Israel se fez presente tomando-o por habitação, enquanto seu povo peregrinava pelo deserto rumo às terras férteis de Canaã, e a quem assistiu em todas as suas necessidades, até que mais tarde, sob o reinado de Salomão, estabelecesse seu trono definitivo em Israel.

É também sabido que as cosmologias se preocupavam com a fixação da perfeita ordem cósmica. Assim sendo, os templos desempenhavam um reputado papel no que diz respeito à estabilidade do universo. A tenda sagrada não é indiferente a isto, enquadrando-se paradigmaticamente:

O templo no mundo antigo era o lugar da autoridade divina. Era do templo que o deus governava e mantinha a ordem no cosmos. O templo também era um elo entre o céu e a terra. Em cosmologias como *Enki e a ordem do mundo* e *Enuma Elish*, a cosmologia apresenta o estabelecimento de um templo a partir do qual o deus pode assumir o domínio sobre o cosmos que foi organizado sob seu controle (COPAN, 2017, p. 60).

Os templos do Oriente Próximo eram erigidos de modo a representar os céus, e muitas vezes o cosmos em sua totalidade. O mito babilônico da criação fala do estabelecimento do templo de Marduque em Esagila. Este devia ser um modelo perfeito das realidades celestiais para que fosse considerado digno da divindade que o habitaria. Também no Egito os templos eram feitos “como os céus” ou “à semelhança dos céus”.

É interessante observar que a ideia segundo a qual Deus é representado como sendo ele mesmo o construtor da sua própria casa se faz presente na Bíblia (Sl 78,69), de igual modo como o são os deuses nas mais diversas cosmologias. Contudo, o que mais chama a atenção é o fato de “a casa de Deus” ser comparada à criação. O autor sagrado não o faz fortuitamente, senão consciente de uma tradição que enxerga em tal correspondência o fundamento do simbolismo do tabernáculo, uma vez que este é o modelo do universo, como o afirma o historiador judeu Flávio Josefo (c. 37 ou 38-100 d. C.) quando escreve que “as proporções das medidas do tabernáculo têm a flagrante intenção de imitar o sistema do mundo” (WHISTON, 1737, p. 170), o qual se apresenta como “uma representação do universo” (WHISTON, 1737, p. 179).

O monge e geógrafo bizantino do século VI, Cosme Indicopleustes, em sua *Topographia Christiana*, retrata o cosmos a partir do modelo do tabernáculo; isto é, retangular. “No modelo de Cosme, a abóbada curva esconde-se de nossos olhos por trás do *estereoma*, ou seja, o véu do firmamento” (ECO, 2013, p. 13). Em consonância com a interpretação de Flávio Josefo, Moisés teria pessoalmente recebido a ordem do próprio Deus para construir um tabernáculo que refletisse a disposição da criação, onde cada elemento constitutivo do patrimônio da tenda sagrada testemunhasse um dado aspecto de todas as realidades existentes no universo:

Depois do dilúvio, nos tempos da construção da torre (de Babel), que constituía um desafio a Deus, quando os homens, ao chegar a uma grande altitude, começaram a observar os astros sem interrupção, eles foram pela primeira vez induzidos ao erro e conceberam a ideia de que o céu seria esférico. [...] Deus ordenou a Moisés que construísse um tabernáculo segundo o modelo visto no Sinai, um tabernáculo que fosse à imagem do universo todo. Moisés o fez, tentando imitar o melhor que podia a forma do universo, do seguinte modo: trinta cúbitos de comprimento e dez de largura; colocando um véu no meio, obteve dois espaços: o primeiro foi chamado de Santo, e o segundo, atrás do véu, de Santo dos Santos. O tabernáculo exterior, segundo o divino Apóstolo, era a imagem do mundo visível, da terra ao firmamento. Ali se encontrava a távola, na parte norte, e na távola doze pães; sobre a távola, figura da terra havia frutos de todo tipo, um para cada um dos doze meses do ano. Ao redor da távola havia uma barra entrelaçada que representava o mar dito Oceano e ao redor do Oceano havia uma moldura de um palmo que representava a terra do além, em cuja parte oriental se encontra o Paraíso e na qual as extremidades do primeiro céu, em forma de abóbada, apoiam-se nas extremidades da Terra. E enfim, Moisés colocou na parte sul um candelabro que iluminava a terra de sul a norte e sobre ele sete lumes para indicar a semana e representar todos os luminares do céu. (ECO, 2013, p. 29).

A forma do espaço de culto, assim como a de toda a mobília sagrada e a disposição das mesmas nesse espaço, como se vê, revelam muito mais do que uma mera casualidade ou gosto estético: revela-se aí um simbolismo que dita toda a composição, e não simplesmente aqueles três princípios básicos do classicismo vitruviano, a saber, *firmitas-utilitas-venustas* (KRUFT, 1985, p. 279), que dizem respeito à resistência, à conveniência e à beleza do edifício, mas falam de uma visão do mundo por meio de uma teologia própria, cuja visível intenção é a de conceber uma ponte entre o homem e a inteira criação. Em tal esquema, o homem deixa de ser um mero ponto na imensidão do cosmos, passando a sentir-se parte de um projeto superior.

O recôndito mais sagrado do tabernáculo, e também o do Templo salomônico, o chamado *santo dos santos*, tinha forma cúbica, apesar de as dimensões do Templo ser maiores que as do tabernáculo, não obstante, proporcionais. Suas medidas, segundo as Escrituras hebraicas, eram, no tabernáculo, de dez côvados de comprimento,⁵ por dez de largura, por dez de altura (Ex 26,16-18;

Figura 1. Detalhe de Topographia Christiana, de Cosme Indicopleustes: O cosmos como tabernáculo. (Fonte: Biblioteca Laurenziana, Florença, Itália; manuscrito 9.28, fólio 95v)

26,22-24) (RASHI, 1935, p. 144); e no Templo, de vinte côvados de comprimento, por vinte de largura, por vinte de altura; o dobro, portanto (1Rs 6,20; 2Cr 3,8). O espaço interno do santo dos santos no tabernáculo media, portanto, entre 9 m² e 10,5 m²; e no Templo, entre 18 m² e 21 m². Quanto à forma cúbica, “elemento central da investigação matemática e artística desde a Antiguidade” (SUTTON, 2015, p. 5), Platão sublinha sua propriedade místico-simbólica adequadamente associando-a ao elemento terra devido à fixidez e à imobilidade de suas bases, remetendo à experiência humana do espaço: “o cubo volta-se para frente, para trás, para a direita, para a esquerda, para cima e para baixo, o que corresponde às seis direções: norte, sul, leste, oeste, zênite e nadir” (SUTTON, 2015, p. 14).

Contudo, apesar da estabilidade simbolizada pelo cubo, não se deve deixar de atentar para o fato de a tenda ser uma espécie de residência transitória. Portanto, sua própria natureza revela-se como um poderoso símbolo da peregrinação dos israelitas pelo ermo rumo à terra dos ancestrais. Com isso, o SENHOR Deus de Israel se faz peregrino, pois ele é Um

⁵ O côvado era uma medida de comprimento amplamente utilizada por todos os povos do Crescente Fértil. Trata-se da distância entre a ponta do dedo médio e o cotovelo. Não se pode estabelecer ao certo sua relação em comparação aos modernos sistemas de medições. Com base nos achados arqueológicos, costuma-se considerar a existência de dois tipos de côvados: o grande, medindo cerca de 52,5 cm, e o pequeno, em torno de 45 cm.

que acompanha seu povo, que conhece seus anseios e frustrações, que o alimenta, instrui e repreende. A tenda é o sinal manifesto da presença de Deus enquanto este caminha com seu povo.

Considerações finais

Segundo a tradição, o tabernáculo era a representação do universo criado por Deus. Assim sendo, ao cumprir seus deveres sagrados, os levitas e o sumo sacerdote moviam-se simbolicamente como que em torno do cosmos bíblico, o que talvez explique o porquê de o tabernáculo – e mais tarde o Templo – ocupar um lugar central na vida do antigo Israel. Não resta dúvida de que, no caso do Templo, por exemplo, “sua dessacralização e destruição por nações pagãs fossem compreendidas como eventos catastróficos: um retorno ao caos anterior à criação; portanto, para eles, o fim do mundo” (PARRY, 2015, p. 207).

Nesta esteira, como observa Fílon de Alexandria em sua obra intitulada *De specialibus legibus*, não só o tabernáculo constituía a representação do cosmos bíblico como o próprio cosmos é a grande morada de Deus: “Todo o universo deve ser considerado como o mais excelente e santo templo de Deus”. A sacralidade do tabernáculo é assim estendida a todo o *olam*; isto é, a toda a realidade visível e invisível dos mundos inferiores e superiores, trazida à existência por *Elohim*. Essa compreensão traduz-se na responsabilidade do povo para com o ecúmeno e o cuidado dispensado aos recursos naturais, bem como na preocupação com a justiça social, porque a terra dos seus antepassados e tudo quanto nela existe pertence ao SENHOR Deus. O homem da Bíblia sabe bem que também o pobre tem garantida sua parte na herança da terra, e que sua permanência nela depende da observância desse direito sagrado.

Todo o espaço sagrado está disposto segundo os referenciais da geografia celeste, de maneira que a fachada principal da tenda volta-se para o ocaso, enquanto suas costas fitam o levante, porção na qual se encontra a arca da Aliança. Será a partir do século V, que as igrejas cristãs, imitando essa colocação dos elementos arquitetônicos, posicionarão o altar para o oriente, “de modo a o sacerdote e a assistência ficarem voltados a nascente” (UPJOHN, 1974, p. 89). Com efeito, “tantas vezes o altar foi colocado a nascente e a entrada a poente, que estes pontos cardeais foram utilizados durante toda a Idade Média para designar essas partes da igreja” (UPJOHN, 1974, p. 89).

Enfim, a arquitetura religiosa judaico-cristã jamais deixou de buscar nas páginas sagradas a inspiração ao erigir seus templos, tomando por

modelo as prescrições divinas de proporção e de estética, às quais saberão associar aos elementos da cultura greco-romana.

Referências bibliográficas

- Aranha, M.L.D.A.; MARTINS, M.P.P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- COPAN, P. et al. *Dictionary of Christianity and science: the definitive reference for the intersection of Christian faith and contemporary*. New York: HarperCollins Publishing, 2017.
- CHOURAQUI, André. *Os homens da Bíblia*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (Coleção A vida Cotidiana).
- DREYER, J. L. E. *History of the planetary systems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1906.
- DUNN, Patrick. *The Orphic hymns: a new translation for the occult practitioner*. Minnesota: Llewellyn Publications, 2018.
- ECO, Umberto. *História das terras e lugares lendários*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- ELIADE, Mircea. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FÍLON de Alexandria. *De specialibus legibus*. Trad. de F. H. Colson. 4. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1954.
- FRADE, Gabriel. *Arquitetura sagrada no Brasil: sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2007.
- KANAS, Nick. *Solar system maps: from antiquity to the space age*. New York: Springer, 2014.
- KRUFT, Hanno-Walter. *Geschichte der Architekturtheorie. Von der Antike bis zur Gegenwart*. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1985.
- LINDOW, John. *Norse mythology: a guide to the gods, heroes, rituals and beliefs*. Santa Barbara: Oxford University Press, 2002.
- RASHI. *Pentateuch with Targum Onkelos, Haphtaroth and Rashi's commentary, Exodus*. New York: Hebrew Publishing, 1935.
- PARRY, Robin A. *The Biblical cosmos: a pilgrim's guide to the weird and wonderful world of the Bible*. Cambridge: The Lutterworth Press, 2015.
- SAINT-MARTIN, Louis Vivien de et al. *Nueva geografía universal. Ciudad de Mexico: J. F. Parres y Compañía*, 1878.

SUTTON, D. *Os sólidos platônicos e arquimedianos: o pequeno guia do espaço tridimensional*. Trad. de Jussara Almeida Trindade. São Paulo: É Realizações, 2015.

UPJOHN, Everard M. et al. *História mundial da arte*. V. 2. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.

VERNANT, Jean-Pierre. *Entre o mito e a política*. Trad. de Cristina Murachco. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

WHISTON, W. *The genuine works of Falvius Josephus*. London: University of Cambridge, 1823.

Submetido em: 2-9-2019

Aceito em: 31-10-2019